

OS CAIXEIROS EM SERGIPE ATRAVÉS DO JORNAL *A CLASSE* (1921-1922).¹

Ailton Rodrigues Rocha Santos²

Resumo:

O estudo da representatividade social dos caixeiros nos anos iniciais do século XX será desenvolvido a partir da história de suas associações e da imprensa escrita, que servia de veículo para divulgação dos propósitos, reivindicações e queixas dos auxiliares do comércio sergipano. Por esse motivo, os objetivos deste trabalho estão voltados a averiguar os propósitos desses trabalhadores com a veiculação do periódico *A Classe* (1921-1922), bem como em situar a categoria em seu contexto específico e compreender em qual camada social ela estava inserida. Além disso, e levando-se em consideração a particularidade da fonte em análise, a metodologia consistirá na análise discursiva das matérias selecionadas, as quais nortearão o tema proposto. Para tanto, recorreremos à fonte já mencionada e a autores que tratam sobre o desenvolvimento da imprensa escrita no Brasil, como também nos apoiaremos em trabalhos de estudiosos que se ocuparam com a realidade nacional e sergipana nos anos 1920 e nas pesquisas daqueles que se atentaram para as especificidades do grupo de trabalhadores investigado.

Palavras-Chave: Associação, Caixeiros, Sergipe.

¹ Artigo submetido à disciplina Prática de Pesquisa, como requisito para a conclusão do curso de Licenciatura em História Plena (TCC), sob orientação da Prof.^a Dr.^a Célia Costa Cardoso (DHI/UFS), coordenadora do Grupo de Pesquisa Poder, Cultura e Relações Sociais na História (PROHIS/UFS).

² Graduando em História pela Universidade Federal de Sergipe. E-mail: ailton.historia@outlook.com

THE CLERKS IN SERGIPE THROUGH THE CLASS NEWSPAPER (1921-1922).

Summary:

The study of the social representation of the clerks in the early years of the 20th century will be developed from the story of their associations and the written press, which served as a vehicle for disseminating the purposes, claims and complaints from trade helper Sergipe. For this reason, the objectives of this study are to investigate the purposes of these workers with the journal serving the class (1921-1922), as well as placing a category in your particular context and understand what social layer she was inserted. Furthermore, and taking into account the particularity of the fonts in the analysis, the methodology will consist of the discursive analysis of selected materials, which will dominate the theme proposed. To this end, we appeal to the aforementioned source and authors that deal with the development of the written press in Brazil, as well as support in the works of scholars that if occupied with national reality and Sergipe in the years 1920 and in the polls of those who started for the specifics of the Group of workers investigated.

Keywords: Association, Clerks, Sergipe.

I- INTRODUÇÃO

Embora não seja mais recorrente na contemporaneidade, a profissão de caixeiro, também conhecida como ajudante de loja ou auxiliar no comércio, foi comum na sociedade brasileira e perpetuou-se até certo tempo. Entretanto, pelo fato de não estar presente em nosso cotidiano da maneira como era exercida, essa função acabou por ser “esquecida” no imaginário social.

Tendo em vista que, além do citado esquecimento coletivo, “[...] o caixeiro não tem ocupado muito espaço na historiografia brasileira” (SANTOS, 2009, p.11), optamos em analisar esses profissionais atentando em algumas das suas reivindicações e, para isso, investigaremos matérias específicas publicadas pelo jornal *A Classe*, órgão informativo pertencente aos auxiliares do comércio sergipano durante os anos 1920. Assim, o desenvolvimento deste trabalho está em consonância com as particularidades apresentadas pela fonte em questão.

Levando-se em consideração que os usos da imprensa escrita (especialmente do jornal) nas pesquisas acadêmicas nem sempre receberam o prestígio devido dos estudiosos, a recorrência a este tipo de documento é justificável, pois a fonte impressa tornou-se frequente no *corpus* documental dos trabalhos historiográficos.

Por entender que “O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, mas [] é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder” (LE GOFF, 2003, p.535-536). O jornal será averiguado para discutir o trabalho dos caixeiros na cidade de Aracaju no início dos anos 1920.

Mesmo tendo o periódico como fonte principal, o enfoque do artigo não se situa em apenas analisar a história do semanário *A Classe*, mas em entender como a categoria trabalhista aqui evocada buscava uma representatividade social e lutava por ideais inerentes aos interesses do seu grupo, mostrando as relações sociais existentes na capital sergipana daquele momento.

Além disso, discutiremos, neste texto, questões inerentes aos aspectos gerais do jornal, tanto os relacionados as particularidades do Jornal *A Classe* em seu aspecto material e em seu conteúdo quanto na forma como os auxiliares do comércio sergipano utilizavam-no como forma de reivindicar questões específicas.

Estes direcionamentos são necessários, porque trabalhamos com a hipótese de que os caixeiros do comércio sergipano nos anos 1920 estavam inclusos em determinada camada social e utilizavam o jornal *A Classe* como meio de reivindicar os seus objetivos.

Tais questões levantadas durante o trabalho, embora apresentem uma certa repetição de ideia, são essenciais, porque mostram a predominância dos enfoques dos trabalhos historiográficos, que, por sua vez, não têm sido direcionados aos caixeiros e suas formas de expressão por meio da imprensa escrita.

Se avaliarmos as produções historiográficas concernentes à profissão, especificamente em Sergipe, há poucos trabalhos que fazem uso de jornais impressos em seus repertórios documentais. Excetuando algumas produções que citam sujeitos, os quais direta ou indiretamente atuaram no ofício, ainda é reduzido o número de pesquisas que se ocupam da relação entre caixeiros e imprensa no estado e, especialmente, em Aracaju.

Uma vez que a historiografia sobre o mundo do trabalho durante a primeira República apresenta investigações focadas, sobretudo, nos estados mais industrializados à época, como foi possível observar durante as leituras e discussões da disciplina História do Brasil República, ministrada pela Prof.^a Célia Costa Cardoso, surgiu o interesse em trabalhar com o tema em questão a fim de notar as particularidades inerentes ao mesmo.

É do nosso entendimento que as ações dos caixeiros eram variadas e há uma documentação detentora de informações valiosas a respeito desses trabalhadores. Uma das fontes utilizadas neste trabalho será, como já referimos anteriormente, o jornal *A Classe*, tendo em vista que a sua circulação foi intensa e teve uma durabilidade de dois anos aproximadamente.

Digitalizado por mim quando atuei como pesquisador-voluntário do projeto “Imprensa Cristã e artigos de Cristãos nos jornais laicos Sergipanos”, coordenado pelo professor Dr. Antônio Lindvaldo Sousa, junto à Biblioteca Pública Epifânio Dória, o documento em questão será de suma importância para nos ajudar a preencher uma lacuna existente no tocante as investigações sobre os auxiliares do comércio em Sergipe.

Por esse motivo, buscaremos contribuir no sentido de oferecer uma análise que mescla elementos ausentes nos trabalhos sobre o tema. Objetivamos com esta investigação oferecer aos leitores algumas características dos caixeiros sergipanos na primeira metade do século XX em Aracaju.

No que compete aos trabalhos acadêmicos referentes ao ofício de Caixeiro, observa-se uma produção resultante de pesquisas relacionadas à especialistas situados em outros estados e de áreas circunscritas às denominadas Ciências Humanas e Sociais. Sociólogos, Cientistas Políticos e, predominantemente Historiadores, procuraram e procuram se debruçar em tal tema tendo enfoques e recortes espaços/temporais distintos.

Realizar um balanço das produções concernentes à ocupação trabalhista em questão sem mencionar o livro, *Casa e Balcão: Os Caixeiros de Salvador (1890-1930)*, de Mário Augusto da Silva Santos (2009), é cometer não somente uma omissão como também uma injustiça. Isso porque o trabalho de Santos traz em seu bojo discussões que demonstram o quanto, no dizer do próprio autor, “[...] o caixeiro não tem ocupado muito espaço na historiografia brasileira” (SANTOS, 2009, p.11).

Tendo conhecimento dessa carência, Santos (2009) procurou contribuir no sentido de esmiuçar como os Caixeiros se comportavam frente aos aspectos sociais da cidade de Salvador e quais as posições ocupadas pelos mesmos na capital baiana durante a Primeira República. Para tanto, o Historiador Social da UFBA estudou a composição e as condições nas quais os trabalhadores atuavam, o seu relacionamento com os patrões, bem como procurou enquadrá-los dentro de uma problemática significativa, na qual se questiona sobre a classe social dos tais, inserindo-os dentro de uma estratificação específica.

Outro trabalho tendo como foco os ajudantes do comércio é a tese defendida no Programa de Pós-Graduação em História da UFPE por Osvaldo Batista Acioly Maciel (2011), intitulada *A Perseverança dos Caixeiros: O Mutualismo dos Trabalhadores do Comércio em Maceió (1879-1917)*. Como o próprio título já evidencia, Maciel (2011) investigou a experiência mutualista dos caixeiros na capital alagoana no período recortado e, para isso, faz menção às formas de organização específicas por parte dos funcionários.

O autor discorre sobre a formação de associações, os embates dentro da própria categoria e a solidariedade construída pelos empregados do comércio alagoano, além de

dissertar sobre a “Sociedade Perseverança e Auxílio dos Caixeiros de Maceió” e a “Sociedade Instrução e Amparo dos Caixeiros de Maceió”, demonstrando as especificidades das entidades e a sua importância para a compreensão do aspecto que mais as caracterizavam, a saber: o mutualismo.

Os trabalhos evocados anteriormente estão delimitados em um tempo que abarca a última metade do século XIX e a primeira metade do século XX, além de focarem, geograficamente falando, regiões inseridas no Nordeste brasileiro. Optando por outra delimitação espaço-temporal, Lenira Menezes Martinho (1993) e Riva Gorenstein (1933) atentaram-se no papel político dos caixeiros no movimento da Independência e do início da Regência.

Em *Negociantes e Caixeiros na Sociedade da Independência* (1993), as autoras fizeram um estudo do perfil social dos negociantes portugueses no Rio de Janeiro e da sua ação política durante as agitações da Independência, além de especificarem as questões importantes para o estudo do processo de consolidação das elites e as peculiaridades da construção do Estado do Brasil. Os ensaios constituintes do livro podem ser considerados trabalhos pioneiros tendo em vista o momento em que foram escritos (meados da década de 1970), o lugar institucional no qual as autoras estavam vinculadas (Programa de Pós-Graduação em História Social da USP) e a abordagem metodológica unida com a sutilidade interpretativa das mesmas.

Os livros comentados anteriormente são os mais vultosos dentre as produções acadêmicas sobre o ofício dos caixeiros, ainda que seja necessário considerar a incipiência do levantamento ali realizado. Entretanto, outras produções têm sido realizadas, embora demonstrem um caráter mais restrito e limitado se comparadas com as já discutidas neste espaço.

O artigo de Fabiane Popinigis (2016), denominado “Todas as Liberdades São Irmãs: Os Caixeiros e as Lutas dos Trabalhadores por Direitos entre o Império e a República” (2016), é um exemplo do que foi citado anteriormente. O trabalho se concentra nas questões específicas relacionadas a luta por direitos trabalhistas, mas não se pode perder de vista os méritos que a autora possui ao elaborar, de forma sintética, pontos-chaves inerentes ao entendimento sobre a historiografia recente relacionada à temas clássicos da história do trabalho.

E não somente em relação a tal historiografia Popinigis (2016) discorre em seu texto, a historiadora destaca também temas recorrentes a partir da experiência de uma vasta categoria de trabalhadores urbanos, dentre os quais os caixeiros estão inseridos. Assim sendo, estão inclusas na análise da autora temáticas como, por exemplo, as diversas formas de exploração do trabalho, as lutas por direito e cidadania e a organização dos trabalhadores.

Uma característica de cunho educacional referente aos caixeiros é exposta por Alderico José Santos Almeida (1995) em seu artigo “A Organização Social dos Caixeiros pela Educação Profissional em São Luís” (1995). Neste trabalho, o autor discute aspectos, que apesar de estarem circunscritos a uma realidade local específica, denotam a multiplicidade das ações sociais exercidas pelos profissionais do comércio maranhense. Almeida (1995) objetivou expor e reconstruir o processo de fundação da Escola Técnica do Comércio do Centro Caixeiral (ETCCC) na passagem do século XIX para o século XX e, com efeito, a sua maior colaboração para os estudos sobre o tema foi a investigação minuciosa do corpus documental integrante do acervo da escola, sendo este composto por atas, relatórios, resoluções, decretos e correspondências.

No tocante à relação entre os caixeiros e a imprensa escrita, Kleber Barbosa de Moura (2015), mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História da UFAM, nos oferece um artigo, intitulado “Caixeiros na Imprensa dos Trabalhadores de Manaus: discursos e ideologias (1908-1911)” (2015), que mescla estes dois elementos. Tendo o objetivo de analisar o discurso dos trabalhadores do comércio em Manaus no início do século XX na imprensa, o autor reporta-se aos jornais dos caixeiros circulados à época para compreender as aspirações e reivindicações dos mesmos em uma sociedade marcada por transformações políticas, econômicas, sociais e urbanas.

Nesse panorama bibliográfico que, vale ressaltar, está em constante atualização devido às novas descobertas de obras relacionadas ao tema, é possível observar diferenciados enfoques tendo como eixo-temático a atividade trabalhista dos caixeiros.

Alguns autores optaram por trabalhar com uma metodologia que prioriza os aspectos mais abrangentes relacionados a estes profissionais, outros direcionaram a análise para uma característica específica do grupo de trabalhadores. Entretanto, o que há de comum entre eles são os procedimentos metodológicos, que oferecem subsídios para os estudiosos situarem os caixeiros em um contexto específico.

Nessa perspectiva, a metodologia usada em nosso trabalho consiste na fundamentação das contribuições dadas pela história social e a relação entre história e imprensa escrita, concomitantemente com a Análise do discurso que especificaremos mais adiante. Assim, a análise do jornal será realizada em conformidade com os instrumentos de investigação selecionados.

A pesquisa se sustenta nas contribuições de historiadores vinculados à História Social como, por exemplo, Hebe Castro (1997), que versou sobre as transmutações ocorridas neste campo de conhecimento. Segundo a autora, “durante a década de 1960, houve um estabelecimento da História Social enquanto campo específico da disciplina histórica no mundo anglo-saxão” (CASTRO, 1997, p. 80). Enfatizando nos grupos sociais e nos processos determinantes e resultantes de suas relações, os pesquisadores elaboraram os métodos e os enfoques a serem adotados nos estudos da área e tais instrumentos serão recorrentes na nossa análise.

No tocante à relação história e imprensa escrita, há uma relativa diversidade entre as metodologias escolhidas pelos pesquisadores. Existem aqueles que optam por utilizar o jornal apenas como subsidiário da análise, servindo apenas como fonte para consulta e mantenedora de seus argumentos, como também há aqueles que escrevem tendo como objeto da pesquisa o próprio jornal. No nosso texto, a metodologia aplicada utilizará recursos para a análise da fonte em questão dialogando com outros aspectos norteadores do campo metodológico. Observaremos o (s) discurso (s) do jornal *A Classe* tomando de empréstimo as orientações dadas por Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi (1998) sobre a análise do discurso, para saber como realizar com efetividade tal procedimento.

Além da análise discursiva do jornal, catalogaremos as denominadas “propriedades físicas” do periódico, isto é, as edições, números de páginas, local onde era impresso e tudo aquilo que estava ligado à elaboração do órgão.

Podemos afirmar, desse modo, que o procedimento metodológico deste trabalho está intrinsicamente ligado à utilização da fonte escolhida. Acreditamos que ao analisar discursivamente as informações do jornal, bem como as suas propriedades de teor “físico” podemos compreender os processos determinantes e resultantes das relações sociais do grupo detentor do órgão informativo.

Assim sendo, e haja vista as considerações feitas durante o tópico, cabe destacar a forma como o trabalho está estruturado. Os tópicos subsequentes serão ocupados,

primeiramente, por discussões sobre a “História do Jornal”, onde discorreremos sobre as informações gerais do semanário. Em segundo lugar, versaremos sobre a análise discursiva de algumas matérias que divulgavam as reivindicações dos caixeiros, procurando relacionar o contexto social de Aracaju durante a década de 1920 com as informações do órgão informativo.

II- HISTÓRIA DO JORNAL

Em 1921, ocorreu um acontecimento significativo relacionado à Associação dos empregados no comércio de Sergipe. No dia 31 de julho do referido ano, o jornal *A Classe*, órgão submetido à citada Associação, teve a sua primeira publicação veiculada, havendo a concretização do objetivo principal dos envolvidos no projeto. Aponta-se algumas causas específicas que cooperaram para a circulação do periódico, entretanto uma em especial é digna de nota. Pode-se dizer que o jornal em análise foi resultado do desejo que os empregados do comércio nutriam há tempos, tendo como foco pelos menos duas metas.

Em primeiro lugar, é válido destacar o quanto os responsáveis pelo órgão informativo eram obstinados quando o que se estava em jogo tratava-se da proteção da classe à qual se vinculavam. Essa meta é, certamente, a mais notória na mensagem inicial contida no primeiro número do jornal, quando é dito que “A Associação dos Empregados no Commercio de Sergipe foi fundada para a honra e protecção da classe [...]”.³

A outra meta, embora seja mais generalista, também está contida na mensagem inicial de inauguração do jornal. O desejo de fundar um periódico estava ligado ao interesse de que os trabalhadores tivessem uma compreensão mais clara e definitiva do “verdadeiro espirito de classe”.

Tendo ciência dessas informações iniciais sobre a fonte em análise, é necessário atentar em outras não menos importantes. Uma vez que ficaram evidentes os objetivos por trás da veiculação de *A Classe*, temos que compreender quais os sujeitos estavam inseridos no comando tanto da Associação quanto do citado jornal. Em outras palavras, é

³ *A Classe*, 1921, nº I, p. 01

imprescindível fazer as seguintes indagações: Quem eram os responsáveis diretos pela Associação de classe e pelo periódico? Qual a posição social dos mesmos? Entre outros questionamentos pertinentes.

Antes de falar sobre quem eram os responsáveis pelo Jornal *A Classe*, é necessário fazer algumas ressalvas. Uma delas refere-se ao fato de existirem responsáveis específicos pelo jornal e que, ao mesmo tempo, exerciam funções na própria Associação dos empregados no comércio. Ou seja, o fato de determinado personagem ser presidente da entidade significava dizer que na maioria dos casos ele era o diretor do jornal, o que acabava por proporcionar uma interação entre as partes, tendo sido dirigida inicialmente por João Domingues dos Santos Herval.

Ao longo da análise sobre as edições escolhidas para serem estudadas no presente artigo, percebe-se que os cargos da Associação eram variados e possuíam atribuições específicas. Além disso, existiam os sócios⁴, que não tinham atribuições definidas com clareza, detendo apenas um *status quo* na organização. Dito isto, discorreremos nas próximas linhas sobre quem eram estes sujeitos e os cargos que ocupavam.

Fundada pelo advogado João Domingues dos Santos Herval (foto 1), a Associação dos empregados no comércio de Sergipe foi fundada em 1921⁵ e tinha uma composição de cargos bem estruturada e definida. Ocupava o cargo da presidência o senhor Godofredo Diniz (foto 2), já a vice-presidência estava sob a competência de Fábio Madureira. Quanto aos cargos de primeiro e terceiro secretários, os mesmos eram ocupados por José Domingues Ludovice (foto 3) e Ildefonso Cardoso de Campos (foto 4), respectivamente.

⁴ Conforme exposto na publicação do dia 07 de agosto de 1921, os responsáveis pelo jornal distinguiam os sócios em honorários e consócios. Enquanto os primeiros detinham uma característica figurativa, de cunho simbólico, os consócios participavam diretamente na produção do semanário através de suas mensalidades. *A Classe*, 1921, nº 2, p. 02

⁵ A ata contendo as informações sobre a fundação da Associação dos empregados no comércio se Sergipe encontra-se na publicação do dia 31 de julho de 1921. *A Classe*, 1921, nº1, p.01.



Foto 1: João Domingues dos Santos Herval. Foto retirada do Jornal *A Classe*, 1922, nº 42, p. 03.



Foto 2: Godofredo Diniz. Foto retirada do Jornal *A Classe* 1922, nº 42, p. 03.



Foto 3: José Domingues Luduvise. Foto retirada do Jornal *A Classe*, 1922, nº 42, p. 03.



Foto 4: Ildefonso Cardoso de Campos Foto retirada do Jornal *A Classe* 1922, nº 42, p. 03.

Além desses cargos, existiam outras ocupações específicas dentro da organização. Com o intuito de ter uma maior representatividade na sociedade aracajuana e sergipana, os responsáveis diretos pelo periódico recomendavam ao presidente da Associação que aceitasse determinados sujeitos como sócios efetivos ou honorários.

Essa informação, inicialmente, pode não suscitar algum tipo de reflexão, mas analisada de forma mais acurada nos diz muito sobre as intencionalidades dos sujeitos que atuavam nos bastidores do jornal. Um detalhe que não pode passar despercebido é o fato de tais sócios, além de serem indicados, não pagarem para serem assinantes do jornal, como já especificado. Isso ocorria, pois, as suas posições sociais eram representativas e os associados queriam vincular os seus nomes ao jornal *A Classe*. Se o propósito fosse outro a não ser este, dificilmente indicariam nomes como Gumersindo Bessa e Gonçalo Rollemberg Leite.

Se, por um lado, é complexo especificar as posições sociais dos envolvidos na Associação, uma vez que não dispomos de informações suficientes sobre todos. Por outro lado, é do nosso entendimento que não eram sujeitos leigos ou iletrados. Pelo contrário, eram hábeis na função exercida (as indicações dos sócios demonstram isso) e tinham as suas relações sociais estabelecidas de certa maneira. Sobre isso, tentaremos expor algumas considerações ao longo do trabalho. De agora em diante é necessário lidar com as chamadas “propriedades físicas” do jornal.

Por “propriedades físicas”, entende-se aquilo que estava ligado à elaboração do periódico (local onde era impresso, quantidade de páginas, número de edições, etc.). Desta maneira, e tendo ciência dessas distinções, tratemos sobre as propriedades.

Diferentemente de outros jornais, *A Classe* tinha uma circulação semanal e o valor da sua assinatura era fixo em certo sentido. O custo para os assinantes do semanário possuía algumas especificidades. Havia uma distinção clara entre os valores cobrados aos leitores residentes na capital (Aracaju) e os moradores do interior do estado, evidenciando a circulação difusa do periódico. Eram cobrados mil réis mensais aos assinantes da capital, enquanto os interioranos tinham que desembolsar doze mil réis anualmente para ter acesso às publicações da *Classe*⁶.

Os administradores do jornal também cobravam por outros tipos de modalidades de circulação. Os interessados em adquirir o número avulso, por exemplo, tinham que gastar cerca de trezentos réis para possuírem determinada edição. Além de venderem as publicações de caráter separado, os responsáveis pela circulação do órgão informativo

⁶ *A Classe*, 1921, nº 10, p.01.

também ofereciam a opção dos leitores colaborarem semestralmente. Os que optavam por esse tipo de assinatura despediam o valor de seis mil réis⁷.

A cobrança em relação aos assinantes era justificável. Os custos em torno da elaboração do periódico eram consideráveis, isso sem contar que a Associação não dispunha de uma maquinaria e tipografia próprias. Afirmamos isto, pois *A Classe* era composta e impressa na “Tipografia do Labor”, estabelecimento não ligado à Associação.

Não temos informações suficientes sobre os valores exatos concernentes à produção do jornal realizada na Tipografia citada. Entretanto, se levarmos em conta o período de circulação do jornal como sendo uma fase marcada por transformações sociais e econômicas, perceberemos que estas refletiram diretamente na Imprensa. As modificações na Imprensa nacional a partir desse período (1920 em diante) foram tão consideráveis que fizeram Juarez Bahia (2009) apontar o surgimento da “[...] fase moderna da imprensa no Brasil. ” (BAHIA, 2009, p. 210)

Com o advento dessa fase moderna, a Imprensa profissionalizou-se e ganhou outro aspecto em relação às fases anteriores. Sai de “cena” o jornal de característica “panfletária” e que chega a flertar com o amadorismo, e entra em jogo o de característica empresarial. Sendo assim, há uma maior racionalização na organização da Imprensa.

É necessário ressaltar o fato da análise de Juarez Bahia (2009) ter o foco direcionado para os jornais de grandes tiragens e de âmbito nacional. Mas, guardadas as devidas proporções e sabendo que as transformações ocorridas na Imprensa não foram simultâneas em todos os lugares, atribui-se que o fato da Associação não possuir sua própria tipografia (em tempos de modernização da Imprensa) contribuiu para o encarecimento do produto final, que era o seu órgão informativo.

Além disso, apesar de uma relativa diversificação dos setores produtivos em Sergipe nos anos 1920 e do surgimento de uma imprensa com viés operário, antecessora a este período, era inconcebível um jornal ter vida longa naquela altura se não dispusesse de recursos suficientes para a sua elaboração.

⁷ É válido ressaltar que os valores das assinaturas não se alteraram nas edições analisadas por nós. Entretanto, nada impossibilita de ter havido permuta nos valores em outro momento. *A Classe*, 1921, nº 10, p.01.

Conjecturas à parte, abordemos como era a composição do periódico. No parágrafo anterior, relatamos a correlação existente entre a cobrança pela assinatura do jornal e os possíveis motivos para isto. Porém, é preciso analisar também outras características do periódico, dentre as quais a sua estruturação física, os tipos de propagandas presentes nele, o caráter das notícias veiculadas e outras que venham ao encontro do nosso interesse.

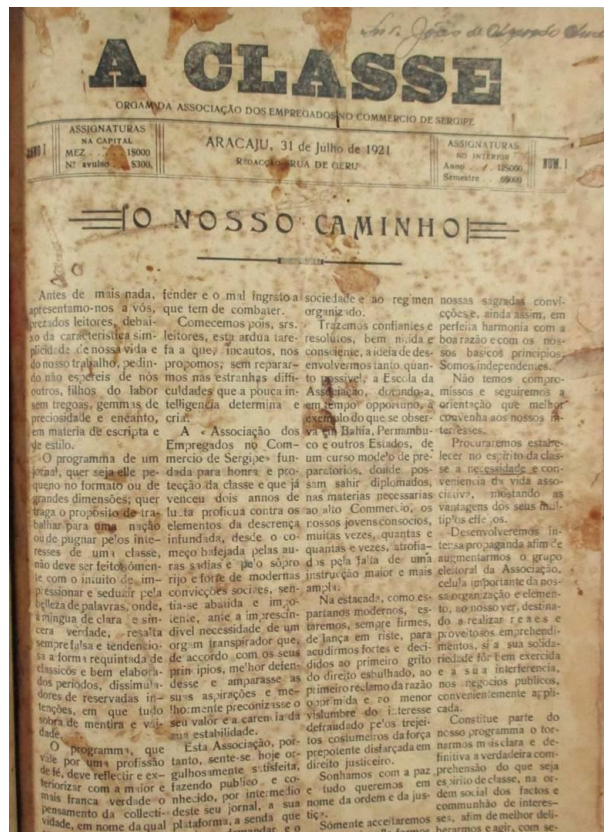
Por intermédio de títulos atraentes, artigos inerentes a assuntos específicos, distribuição coesa das colunas e matérias bem escritas, *A Classe* pode ser considerado um jornal bem elaborado. Como já apontamos, a sua primeira publicação ocorreu em 31 de julho de 1921, demarcando o início do Ano I do órgão.

No levantamento geral realizado por nós, foram catalogados mais de vinte e um números do periódico circulados em 1921, todos veiculados em semanas subsequentes. Por esse motivo, *A classe* podia contar com a veiculação de até quatro números em um mesmo mês. Com relação a 1922, o jornal continuou a ter tiragens semanais e isso proporcionou que o Ano II possuísse um total de vinte exemplares⁸.

Em princípio, estas informações possuem apenas um aspecto descritivo do jornal. Sem negar essa característica, podemos relacioná-la com outras que podem situar-nos melhor em nossa análise. Em outras palavras, no instante em que observamos as edições do periódico (Ano, Nº, Data de publicação, entre outras) em consonância com o seu conteúdo, conseguimos entender as mudanças ocorridas nele durante o tempo de circulação.

Invariavelmente, *A Classe* possuía quatro páginas em seus números e em cada uma delas existiam algumas características próprias. Um exemplo dessa particularidade está na primeira página (vide a baixo), já que nela quase sempre era publicado algo escrito por alguém importante dentro da direção do jornal, sejam redatores ou o próprio diretor. Isso sem falar nos títulos emblemáticos escritos em letras maiores e em negrito, com o intuito de chamar ainda mais a atenção do leitor.

⁸ O número de exemplares catalogados do jornal foi feito através da digitalização do mesmo. O acesso ao jornal foi realizado na Biblioteca Pública Epifânio Dória, onde se encontra a Pacotilha específica contendo o periódico.



Primeiro exemplar do Jornal *A Classe*. Ano I, nº I, 31 de julho de 1921, p. 1.

Ainda sobre as características físicas da fonte em análise, a distribuição das colunas é algo regular e bem elaborado. Predominantemente, havia quatro colunas responsáveis por subdividir as matérias escritas no periódico, sendo responsáveis pelos leitores terem um efeito visual positivo quando folheavam o mesmo.

Somando-se a este fator importante do aspecto físico da *Classe*, a fonte legível usada nas notícias e a recorrência no uso de fotografias representativas de alguns sujeitos conhecidos dos sergipanos (João Cabral, Clodomir Silva, Coronel Sabino Ribeiro, Pereira Lobo, General Oliveira Valadão, Coronel Apulcro Motta, entre outros) enriqueciam de forma mais acentuada o jornal.

Poderíamos citar outros exemplos concernentes à estrutura física do órgão informativo, mas é necessário versar sobre os temas relacionados aos aspectos “conteudistas” presentes no tal. Pelo próprio nome, *A Classe* deixa margem para o que ele buscava tratar. Sobre isso, teceremos algumas considerações a seguir.

Já citamos o quanto os editores do jornal utilizavam-se dos títulos “chamativos” para atrair a atenção dos leitores. Pois bem, por meio de tais títulos e do assunto contido nas matérias é possível ter uma noção de quais conteúdos estão presentes em determinadas edições do órgão informativo.

Algo que salta aos olhos do observador é a variedade de temas presentes ao longo das edições do jornal. A diversificação é tamanha que cria certa dificuldade aos interessados em analisar a fonte em sua plenitude e em todos os seus aspectos, sendo mais prudente delinear uma temática específica existente no periódico.

Mesmo sendo um órgão editado especificamente para ser o porta-voz de determinado segmento social existente em Aracaju dos anos 1920, *A Classe* possui variedades temáticas, não ficando “engessado” somente aos assuntos da categoria. Na análise das edições escolhidas para esse trabalho, notamos a presença de notícias com conteúdos que podemos “encaixar” em duas categorias.

Na primeira, estão àqueles de caráter mais interpessoal, a saber: notas de falecimento e aniversários de pessoas conhecidas pelos responsáveis do jornal e pela sociedade em geral, comentários sobre o estado de saúde de alguns sujeitos, os quais portavam determinadas doenças como a tuberculose, correspondências de leitores residentes em outros municípios e estados, avisos sobre a realização de viagens feitas por pessoas “ilustres”, sobretudo políticos e comerciantes, entre outros conteúdos.

Em relação à segunda categoria, os conteúdos são mais de ordem institucional ou de aspecto mais abrangente. Estão nessa categorização os informativos sobre festas religiosas e seculares existentes na capital e no interior, a exemplo das festividades em reverência ao São Salvador ocorridas na praça Fausto Cardoso e as comemorações em torno da co-padroeira de Maruim, Nossa Senhora da Boa Hora. Há também os tributos a personagens da história sergipana (Fausto Cardoso e outros), narrativas de acontecimentos da história nacional (independência do Brasil), programação do cinema Rio Branco, comunicado sobre as reuniões da Associação e a exposição do balancete financeiro da mesma.

Por meio dos apontamentos feitos no decorrer deste tópico, temos um panorama sobre algumas informações inerentes ao periódico. Foi possível sabermos quais os objetivos estiveram vinculados a publicação do jornal, os responsáveis tanto pela

Associação quanto pelo próprio órgão informativo, os cargos que os mesmos ocupavam, as chamadas “propriedades físicas” e os conteúdos existentes nas edições da *Classe*.

Diante do exposto, é preciso concluir considerando o fato de o jornal ter parado de circular, como muitos do seu tempo, e apontamos as dificuldades financeiras como sendo uma das responsáveis por isso. Entretanto, em uma fase de “modernização” da imprensa como Juarez Bahia (2009) bem apontou, fase esta que não tolerava mais “amadores”, é destacável um jornal ter durado dois anos ou mais.

Esta consideração ganha mais destaque ainda se levarmos em consideração que *A Classe*, apesar de estampar em suas páginas propagandas comerciais, não era um jornal que detinha recursos financeiros suficientes para a sua manutenção.

III- OS CAIXEIROS E AS SUAS REIVINDICAÇÕES

Precisar quem seriam os caixeiros do comércio sergipano dos anos 1920 não seria possível se não dispuséssemos de fontes que nos trazem informações a este respeito. Neste espaço, veremos como o jornal *A classe* nos oferece alguns elementos essenciais para entendermos algumas características destes trabalhadores, bem como as suas reivindicações.

Para tal entendimento, será preciso compreender, sobretudo, que “as representações do mundo social [...] são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam” (CHARTIER, 1990, p. 81) e que “[...] os pensamentos, as representações, as imagens e [...] os temas [...] se ocultam ou se manifestam nos discursos. ” (FOUCAULT, 1972, p. 171).

As conceituações aludidas anteriormente são importantes, porque lidamos neste trabalho com um órgão informativo ligado a um grupo específico que possui suas tendências e norteamientos peculiares. Além disso, nos oferecem orientações para que venhamos versar com mais precisão e cautela a respeito do tema central do tópico em questão.

Nesse sentido, é importante levar em consideração que Roger Chartier (1990) chama nossa atenção para o fato de determinado grupo ser o responsável por “fabricar” as representações a respeito da realidade social (a qual engloba o próprio ajuntamento),

já Michel Foucault (1972) vai além e especifica a maneira como as aglomerações produzem as representações, considerando o aspecto discursivo que há nelas, sendo que tais discursos são ações que obedecem a regras estabelecidas.

Atentando nisso, é preciso destacar, inicialmente, o caráter reivindicador recorrente no semanário. Dentre tantas edições caracterizadas por possuírem tal teor, destacamos a matéria presente nº 5 do Ano I do jornal, quando foi dito:

Aqui, como ali e acolá, a estabilidade do empregado no commercio é mera phantasia , isto é, sem as garantias precisas, sem o fundo necessario para quando, alquebrados pelo trabalho e pela idade, não possam ganhar o pão [...]

E prossegue:

Quantos, quando esgotados pelo trabalho demasiado, têm uma velhice precoce e são alijados deshumanamente, brutalmente! [...]. Evoluímos incessantemente, e a nossa evolução nos mostra novos horizontes, o verdadeiro caminho do progresso. Nada mais deprimente, mais desolador, do que alijar-se empregados carregados de família deixando ao abandono [...] ⁹.

A matéria abarca posicionamentos e declarações muito claras e específicas, mas como já foi dito no início deste espaço é necessário ter cautela ao considerar o teor do discurso apresentado pela fonte. Afinal, a qual estabilidade quem escreveu a matéria se refere? Como trata o assunto?

Antes de tudo é preciso diferenciar discurso de mensagem. Para Orlandi (1998), “o discurso [...] não se trata apenas de transmissão de informação, nem há [...] linearidade na disposição dos elementos da comunicação, como se a mensagem resultasse [...] desse processo”. (ORLANDI, 1998, 21). Na verdade, os discursos “põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história [...] e são processos de identificação do sujeito, de argumentação, de subjetivação, de construção da realidade etc.” (ORLANDI, 1998, 21).

Muito mais do que uma edição de jornal disposta a comunicar sobre a situação de um grupo de trabalhadores, a matéria nos oferece um discurso complementado por

⁹ A Classe, 1921, nº 5, p. 01.

elementos intrínsecos e extrínsecos ao que foi escrito. Sem perder de vista que o jornal circulava em Aracaju nos anos 1920, atentemos nas peculiaridades do tempo e do lugar onde quem escreveu a matéria estava inserido.

Considerando o fato dos “primeiros sinais da modernização em Aracaju terem sua gênese no início do século passado, no entanto, foi nos anos de 1920 que as mudanças na estrutura urbana começaram a ganhar notoriedade e a inserção aos aparatos modernos foi intensificada” (CRUZ, 2015, p. 5), salientamos o considerável “atraso” demonstrado pela inserção da modernidade na capital sergipana. Isto porque as mudanças gestadas em solo sergipano já haviam sido processadas e consolidadas em outras capitais brasileiras, dentre as quais o Rio de Janeiro foi o modelo a ser seguido.

Entretanto, mesmo sendo cenário de tal retardamento, a jovem capital esboçava transformações sociais importantes. As mudanças eram notórias principalmente nos aspectos demográficos, urbanísticos e econômicos. “Segundo dados do IBGE, a imigração para Aracaju [...], na [...] década de 1920, foi superior [...] à da década anterior. A população em Aracaju em 1900 era de 21.132 habitantes e em 1920 era de 37.440.” (DANTAS apud SOUSA, 2010, p. 150).

Concomitante a este crescimento populacional, ocasionado principalmente pela migração de pessoas que se deslocavam do interior para a capital, ocorreram as modificações urbanísticas. Influenciado pelo discurso modernizador/progressista e apoiado por uma parcela das elites locais, o então Presidente do Estado, José Joaquim Pereira Lobo, realizou construções públicas como, por exemplo, a remodelação e calçamento das ruas, dentre as quais a Avenida Rio Branco foi a maior expoente.

Aliada ao crescimento populacional e às transformações urbanísticas, houve uma relativa alteração e diversificação nos setores produtivos na capital sergipana durante a década de 1920.

Com relação a tais setores, Ibarê Dantas (2016) afirma que o estado de Sergipe como um todo era predominantemente rural e tinha suas atividades produtivas dirigidas ao comércio externo. Segundo ele, no setor agrícola, havia alguns produtos relevantes nas pautas de exportação, contudo enfatiza na maior participação comercial de dois deles: o açúcar e o algodão.

Para Ibarê (2016), “entre os produtos de maior representatividade se destacava o açúcar, que, em 1889, correspondia a 76, 51% do valor total das exportações e, em 1929, essa participação ainda atingia 56, 98%” (DANTAS, 2016, p.15). Por meio dessa constatação, chama a atenção o fato de um produto relegado a patamares inferiores em outros estados (principalmente nos estados centrais cultivadores do café) ainda ocupar lugar de destaque em Sergipe na década de 1920.

A forte presença dos engenhos de açúcar desde o período colonial e a modernização na forma de utilizar a matéria-prima, através da substituição do engenho movido por força animal pelo movido a vapor, bem como o surgimento das usinas, pode explicar essa persistência do açúcar enquanto produto relevante nas exportações sergipanas.

Outro gênero agrícola constante nas pautas de exportações e que iria ser importante para a inicialização do setor industrial no estado era o algodão. De acordo com a averiguação feita por Ibarê, “depois da cana, o algodão [...] se tornou o produto [...] mais cultivado e foi [...] absorvido em grande parte nas próprias fábricas de tecidos do Estado em franca expansão.” (DANTAS, 2016, p.16)

O setor fabril, já inicializado de forma rudimentar no início do século XX, ganhou maior notoriedade no limiar dos anos 1920. Se para alguns estudiosos o processo de industrialização vai se estabelecer após a dita Revolução de 1930, não é demais afirmar que essa inovação ganhou seus contornos anteriormente à essa década e não se difundiu de modo homogêneo em todo o país.

Em Sergipe, o setor secundário desenvolveu-se paulatinamente, contado com a forte participação das fábricas de tecidos. Embora as usinas açucareiras ainda exercessem influência, as indústrias têxteis afiguraram-se como os “carros-chefes” da industrialização sergipana. Tais fábricas espalharam-se não somente na capital, marcando presença também no interior, o que demonstrava a franca expansão do setor por boa parte do estado.

Essa ampliação foi verificada por Dantas (2016) quando afirma que:

[...] parece ter sido o setor secundário aquele que sofreu uma maior expansão, pois, enquanto censo de 1907 registrava apenas 41 estabelecimentos industriais em todo Estado, onde trabalhavam 1.742 operários, em 1920 já seriam 237 com 5.386 operários, sem contar os das Usinas Açucareiras [...] (DANTAS, 2016, p.18)

Nesse sentido, alguns estabelecimentos destacaram-se e ganharam notoriedade no seio da sociedade sergipana, dentre eles as fábricas Sergipe Industrial e Confiança, situadas em Aracaju, e outras existentes em cidades como Estância, Propriá e São Cristóvão. Com isso, o setor secundário desenvolveu-se e proporcionou certa diferenciação no sistema produtivo dando margem, também, para o surgimento de um operariado urbano.

No que diz respeito ao setor terciário, era evidente o aumento desse segmento no início do século XX. Por intermédio de uma análise quantitativa, Ibarê Dantas (2016) incluiu nesse ramo o pessoal que ocupava cargos no aparato governativo, os profissionais liberais, donos de comércio, entre outros. Ao consultar o censo do ano de 1920, o pesquisador contabilizou mais de quatro mil trabalhadores nessa área.

Ainda que as alterações na economia sejam estudadas pelo autor de maneira abrangente, onde o mesmo considera os dados relacionados a distintos municípios, é preciso enfatizar a capital, pois foi o principal cenário das inovações. Aracaju, na década de 1920, tornara-se o centro estadual para onde muitos sujeitos ingressavam no intuito de adquirir uma vida digna.

Infelizmente não dispomos de espaço suficiente para discutir sobre a condição dos trabalhadores recém-chegados dos municípios interioranos inseridos no quadro trabalhista dos comerciantes e em outras ocupações. Mas a matéria escolhida para ser analisada neste tópico nos traz uma noção de alguns anseios inerentes aos ajudantes no comércio.

A solicitação por melhores condições no trabalho dos caixeiros e a busca por uma certa estabilidade da profissão acompanhava a realidade social daquela altura. O ideário progressista presente nas ações do governo ao promover transformações urbanísticas na cidade, estava presente no discurso de “Avellar” (nome de quem escreveu a matéria). Na concepção de quem fez a reivindicação, a sociedade estava “evoluindo” para atingir o “progresso” e qualquer empecilho a este fim-último seria passível de ser combatido.

O obstáculo em questão era a situação precária em que, segundo o autor da reivindicação, os caixeiros encontravam-se. Os trabalhadores não possuíam garantias de aposentadoria, o salário era parco e as condições de trabalho eram precárias, contribuindo para o “atraso” social tão combatido por alguns.

Percebe-se que as características intrínsecas apresentadas no discurso se alinham com a defesa aos caixeiros, ou antes, com a exigência por dignidade no desenvolvimento do ofício. Todavia, os aspectos extrínsecos da fonte denotam outros interesses vinculados às reivindicações.

Não podemos negar o fato dos trabalhadores procurarem combater algo que provavelmente era real, embora necessite de uma investigação específica. Entretanto, é inconcebível imaginar uma suposta neutralidade das palavras proferidas na matéria em discussão, até porque “ [...] não há discurso sem sujeito. E não há sujeito sem ideologia. Ideologia e inconsciente estão materialmente ligados [...] ” (ORLANDI, 1998 p.47).

Inconscientemente ou não, Avellar, denotou em seu discurso um alinhamento com os ideais progressistas, inspirados no legado que a *Belle Époque* relegou tardiamente à capital sergipana. No plano de fundo das reivindicações estava o desejo em enquadrar não somente o grupo de trabalhadores representados, como também a sociedade aracajuana, na apregoada modernização dos anos 1920.

Assim sendo, a análise discursiva nos mostra como a matéria investigada obedecia a interesses específicos e não pode ser lida tendo em vista apenas os seus elementos intrínsecos, isto é, as informações tal como encontram-se dispostas no jornal. Antes, é essencial ter o cuidado em observar a relação entre o discurso e a realidade, entre a forma como se é emitida a mensagem e os possíveis interesses vinculados a ela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos tratar, neste trabalho, sobre o jornal *A Classe* considerando a conjuntura social em que o estado de Sergipe, especificamente a cidade de Aracaju, estava inserida. Tal procedimento foi necessário, pois as mudanças ocorridas na sociedade acabavam refletindo na imprensa escrita, já que esta não era algo neutro. Pelo contrário, era totalmente voltada aos interesses de terceiros e tanto era influenciada ideologicamente por estes quanto tencionava influenciar aos que se dirigia.

Nesse sentido, é preciso ressaltar que abordamos apenas alguns aspectos relacionados ao jornal, tendo em conta que outros enfoques poderiam ter sido realizados. Optamos por versar sobre algumas características do periódico, tanto os referentes à análise material (anos de circulação, responsáveis, etc.) quanto as concernentes ao norte ideológico do mesmo.

Ao longo desse trabalho buscamos não nos afastar dos objetivos propostos inicialmente, a saber: averiguar os propósitos dos trabalhadores no comércio sergipano com a veiculação do periódico *A Classe*, além de focalizar na carga discursiva presente em determinadas matérias do jornal.

Mesmo apresentando um caráter sintetizado, acreditamos que esse artigo veio ao encontro de algumas necessidades específicas. Primeiramente, acreditamos que ao versar sobre o jornal submetido ao grupo de trabalhadores citados, conseguimos enfatizar sobre a importância do uso da fonte (escrita) em um trabalho historiográfico, ainda mais quando a historiografia pouco se aprofundou sobre determinado tema como o aqui trabalhado.

Em segundo lugar, no instante em que especificamos o lugar e o espaço onde os caixeiros estavam situados, oferecemos certa contribuição para se compreender os primeiros anos do século XX na capital sergipana, sempre se atentando para as especificidades presentes no caso em análise.

Assim sendo, julgamos que as ideias contidas nesse texto podem ser aproveitadas pelos leitores interessados em entender alguns aspectos de um segmento trabalhista “esquecido” na contemporaneidade, que são os caixeiros.

REFERÊNCIAS

A-Fontes

Jornal *A Classe*.

ANO I, 1921, nº 1, p. 1-4

ANO I, 1921, nº 2, p. 1-4.

Ano I, 1921, nº 3, p. 1-4.

Ano I, 1921, nº 4, p. 1-4.

Ano I, 1921, nº 5, p. 1-4.

Ano I, 1921, nº 6, p. 1-4.

Ano I, 1921, nº 7, p. 1-4.

Ano I, 1921, nº 8, p.1-4.

Ano I, 1921, nº 9, p.1-4.

Ano I, 1921, nº 10, p.1-4.

Ano I, 1921, nº 11, p.1-4.

Ano I, 1921, nº 12, p. 1-4.

Ano I, 1921, nº 13, p. 1-4.

Ano I, 1921, nº 14, p. 1-4.

Ano I, 1921, nº 15, p.1-4.

Ano I, 1921, nº 16, p.1-4.

Ano I, 1921, nº 17, p.1-4.

Ano I, 1921, nº 18, p.1-4.

Ano I, 1921, nº 19, p.1-4.

Ano I, 1921, nº 20, p.1-4.

Ano I, 1921, nº 21, p. 1-4.

Ano I, 1921, nº 22, p.1-4.

Ano II, 1922, nº 23, p.1-4.

Ano II, 1922, nº 24, p.1-4.

Ano II, 1922, nº 25, p.1-4.

Ano II, 1922, nº 26, p.1-4.

Ano II, 1922, nº 27, p.1-4.

Ano II, 1922, nº 28, p.1-4.

Ano II, 1922, nº 30, p.1-4.

Ano II, 1922, nº 31, p.1-4.

Ano II, 1922, nº 32, p.1-4.

Ano II, 1922, nº 33, p.1-4.

Ano II, 1922, nº 37, p.1-4.

Ano II, 1922, nº 38, p.1-4.

Ano II, 1922, nº 39, p.1-4.

Ano II, 1922, nº 40, p.1-4.

Ano II, 1922, nº 41, p.1-4.

Ano II, 1922, nº 42, p.1-2.

B- Bibliografia

ALMEIDA, Alderico José Santos. **A Organização Social dos Caixeiros pela Educação Profissional em São Luís do Maranhão.** Revista OAB/RJ. Rio de Janeiro, Edição Especial. p. 1-13.

BAHIA, Benedito Juarez, 1930-1998. **História, jornal e técnica: História da Imprensa Brasileira.** 5.ed. Rio de Janeiro. Mauad X, 2009.

CANO, Wilson. **Da década de 1920 à de 1930: Transição Rumo à crise e a Industrialização no Brasil.** Revista Economia. Brasília- DF. Vol. 13, Nº 3b. p. 897-916.

CASTRO, Hebe. História Social. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (Orgs.). **Domínios da História: Ensaio de Teoria e Metodologia.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2011. p. 41-54.

CRUZ, Jeferson Augusto da. **Um Flâner à Sergipana: Modernidade, urbanização e cotidiano de Aracaju na Belle Époque (1918-1926).** In: Anais do XXVIII Simpósio Nacional de História. Florianópolis-SC, 2015. p. 1-13.

DANTAS, Ibarê. **Imprensa operária em Sergipe (1891-1930).** Aracaju. Editora Criação, 2016.

FERREIRA, Marieta de Moraes; PINTO, Surama Conde de Sá. **A Crise dos anos 20 e a Revolução de Trinta.** CPDOC, 2006. 26f.

FORJAZ, Maria Cecília Spina. **Tenentismo e Política: tenentismo e camadas médias urbanas na crise da Primeira República.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.

LE GOFF, Jacques. **Documento/Monumento.** In: **História e Memória/Tradução** Bernardo Leitão, 5.ed, Campinas/SP, Editora da UNICAMP, 2003. p. 525-541.

LUCA, Tania Regina de. **História dos, nos e por meio dos periódicos.** Fontes Históricas. Carla Bassanezi Pinsky. (org).. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2008, p. 111-155.

MACIEL, O. B. A. M. **A perseverança dos caixeiros: o mutualismo dos trabalhadores no comércio em Maceió (1879-1917).** Recife: EDUFPE, 2012.

MARTINHO, Lenira Menezes. Gorenstein, Riva. **Negociantes e Caixeiros na Sociedade da Independência.** Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura,

Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1993.

MOURA, Kleber Barbosa de. **Caixeiros na Imprensa dos Trabalhadores de Manaus: discursos e ideologias (1908- 1911)**. Revista Escrita da História. (S.L) Ano II, Vol. 2, Nº 3. p. 146- 167.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de Discurso*. 10.ed. Campinas, SP: Pontes Livros, 2012.

PINSKY, Carla Bassanezi. Apresentação. PINSKY, Carla Bassanezi. (org). **Fontes Históricas**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2008, p. 7.

POPINIGIS, Fabiane. **“Todas as liberdades são irmãs”: Os caixeiros e as lutas dos trabalhadores por direitos entre o Império e a República**. Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro. Vol. 29, Nº 59, p. 647- 666.

RIBEIRO, Lavina Madeira. **A institucionalização do Jornalismo no Brasil: 1804-1964**. Tese (Doutorado em Comunicação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998. Orientação de Antônio Augusto Arantes.

SANTOS, Mário Augusto da Silva. **Casa e Balcão: os caixeiros em Salvador (1890-1930)**. Salvador. EDUFBA, 2009.

SANTOS, Wagner Emmanoel Menezes. **“O Paraíso termina quando o trabalho começa”: Cotidiano Operário e Poder disciplinar na Fábrica Têxtil Confiança (Sergipe, 1943-1957)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2014. Orientação da Profª Drª Célia Costa Cardoso.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966. (Retratos do Brasil;51).

SOUSA, Antônio Lindvaldo. **Temas de História de Sergipe II**. São Cristóvão, Universidade Federal de Sergipe. Cesad, 2010. p. 146-160.